

# Vestida de Papa

Ao longo dos tempos, têm surgido inúmeras histórias em que a protagonista é uma mulher disfarçada de homem, Mas a mais universal é, sem dúvida, a da Papisa Joana, cujo nome não consta, porém, do rol dos 267 Papas que já governaram a Igreja de Roma

TEXTO DE ANABELA NATÁRIO ILUSTRAÇÃO DE TIAGO DA SILVA/WHO

Desde essa data, para que não haja outra Papisa, os candidatos são sujeitos a um ritual de descodificação do género... São sentados numa cadeira com um buraco no centro, através do qual dois diáconos se certificam, pelo tacto, de estar em presença de um exemplar masculino, para poderem gritar: “Temos Papa!” Terá sido assim desde 855 até ao ano da entronização de Leão X, em 1513. Ou talvez não. A cadeira existiu, aliás, havia duas durante a cerimónia no Palácio de Latrão, antiga morada dos governantes da Santa Sé, mas também é admissível outra explicação: as cadeiras eram perfuradas para facilitar os banhos dos romanos e foram escolhidas para o ritual dado o seu valor histórico.

Agnés, Gerberta, Gilberta, Joana, Isabel, Margarida, Doroteia ou Justa, conforme o autor e a língua, veio ao mundo em 814, ano em que morreu o primeiro Imperador do Sacro Império Romano, Carlos Magno, o responsável pela saída de Inglaterra dos progenitores da futura Papisa. Joana — chamemos-lhe assim, já que foi João o nome escolhido quando

se transformou em homem — nasceu perto de Mayence, hoje cidade de Mainz, numa aldeia onde o pai, padre inglês enviado para a Alemanha para participar na conversão do povo ao cristianismo, se refugiou com a menina que engravidara e raptara.

Em terras germânicas, foi educada até se tornar numa rapariga que aliava a beleza à inteligência, deixando de boca aberta alguns doutos da época. Mas a vida não é só estudo, nem mesmo nestes tempos remotos do século X, e Joana apaixonou-se por um rapaz inglês que por si se encantou. O problema é que o amor não era livre, muito menos para uma mulher, muito menos quando se tratava de uma paixão por um frade... Consciente da falta de alternativa (e também da vulgaridade da fuga e do rapto por amor, como fora o caso de sua mãe), resolve fugir da casa paterna e seguir o seu amado.

O destino escolhido situava-se perto, era a abadia de Fulda, onde o seu frade beneditino vivia e estudava. Para ali entrar, apresentou-se Joana com trajes masculinos e cabelo a condizer, conseguindo enganar o futuro arcebispo de Mainz, Rabanus Maurus Magnentius, na altura o abade que acolheu mais um



# Os loucos

pupilo, satisfeito e sem desconfianças. Em pouco tempo, e apesar de ainda serem muito novos para os parâmetros actuais, os amantes não suportaram o jogo que mantinham e resolveram pôr-se a caminho de Inglaterra, levando na ideia a continuação dos estudos onde e como era possível, ou seja, sem se desligarem da Igreja e revelarem o disfarce.

Também em terras inglesas, na altura ainda uma série de pequenos reinos, não se mantiveram muito tempo. Impelidos pelo desejo de conhecer outras gentes, outros usos e costumes, andaram por França, surpreendendo religiosos eruditos. Em Marselha, embarcaram rumo a Atenas, em busca das tradições da antiga Grécia, tinha Joana 20 anos e o frade poucos mais. Aprendendo e ensinando,

**No dia da procissão das Rogações, as dores de parto fizeram-na cair do cavalo e os padres mataram a criança logo ali**

ali permaneceram uma década, até uma doença súbita matar o jovem apaixonado que, segundo alguns autores, se chamava Foro e era filho do Papa Leão IV. Na tentativa de apagar o desgosto, a futura Papisa deixa os helenos e segue para Roma, onde se impõe com alguma facilidade.

“O seu procedimento era tão recomendável como os seus talentos. A modéstia dos seus discursos e das suas maneiras, a regularidade dos seus costumes e a sua piedade, brilhavam como uma luz aos olhos dos homens”, escreveu o cronista Marianus Scotus (que morreu em Mainz em 1082 e foi um dos primeiros a contar a história de Agnés), citado pelo editor francês Maurice Lachatre, no livro “História dos Papas: Mistérios e iniquidades da corte de Roma: crimes dos reis, rainhas e imperadores através dos séculos” (1893).

Joana foi-se insinuando, cativando religiosos influentes — e quando o Papa Leão IV morre, no ano de 855, consegue ser eleita para ocupar o “trono” da Igreja de Roma. Com o nome de João III, mantém o cargo — dizem os seus biógrafos, sempre contrariados pelos partidários da lenda — dois anos, sete meses e quatro dias, até... à hora da procissão das Rogações, quando as dores de parto a fazem cair do cavalo, numa das ruas de Roma. A Papisa dava à luz um filho do seu amante, um cardeal, e os padres que a rodeavam, incrédulos, terão sufocado a criança logo ali e ela sucumbido ao parto, entre o Coliseu romano e a Igreja de São Clemente, onde se ergueu uma capela que se diz ter sido destruída tempos depois para apagar quaisquer vestígios da existência de uma mulher num lugar em que só se queriam homens.

Depois, alguns contaram a história da Joana que foi João III e muitos outros a desdisseram. A dada altura, por volta do século XVI, até alimentou uma guerra entre católicos e protestantes, com os primeiros a acusarem os segundos de serem os seus inventores só para denegrir a igreja de Roma.

A falta de base das acusações, perante os manuscritos antigos sobre o assunto, veio reforçar a tese dos partidários da Papisa. Já recentemente, o respeitado teólogo brasileiro Estêvão Bettencourt, beneditino, dizia que o episódio da Papisa “é uma alusão às tristes condições em que se achava o Papado no século X: vários Pontífices caíram então sob a influência de três mulheres prepotentes em Roma: Teodora, esposa de Teofilacto, e suas filhas Teodora e Marócia”. Mas essa é mesmo outra história... ■

anatario@expresso.imprensa.pt

Agora, quando se fala em escândalos na Igreja Católica, fala-se em pedofilia, mas durante séculos o que mais ofendeu o sentimento religioso das gentes era a questão das amantes dos Papas... Em parte verdades, noutras lendas, certo é que há, até, uma época denominada Pornocracia, que começa com o Papa Sérgio III e termina com João XII. É um período de 59 anos em que três mulheres dominaram o papado

## Papa Sérgio III, ‘O Monstro’



FOI COM Sérgio III que se iniciou a Pornocracia. Este Papa, eleito em 904, aos 45 anos, tinha por amante uma jovem com menos 30. Cha-

mava-se ela Marozia e a primeira vez que Sérgio olhou com outros olhos para a romana já era cardeal e contava a menina 6 anos de idade. Aconteceu à saída do “Sinodo do Cadáver”, quando Sérgio foi entregar a Agiltruda, a poderosa duquesa de Spoleto e impulsionadora deste absurdo episódio, três dedos do Papa Formoso, que acabava de ser julgado e condenado, apesar de ter morrido nove meses antes... Marozia foi oferecida a Sérgio III, “O Monstro”, por sua mãe, Teodora, mulher do cônsul Teofilacto, comandante das tropas e responsável pelos dinheiros da Santa Sé. A ideia era que a poderosa família do Conde de Tusculum continuasse a mandar em Roma e no Papado. Sérgio morreria sete anos depois de eleito, deixando a amante (uma delas) com um filho, que em 931 se tornará o Papa João XI.

# anos da pornocracia

## Amantes e assassínios



TEODORA, a mãe, porá na cadeira da Igreja de Roma, após Sérgio III, mais três papas: Anastácio III, Lando I e João X. Conta Nigel Cawthorne, no livro "A Vida Sexual dos Papas" (2000), com base nos escritos do século X deixados por Liutprando de Cremona, que "nenhum deles era um modelo de virtude e diz-se que Lando, forçado ao celibato, passou a maior parte da vida entre mulheres lascivas, acabando por consumir-se depois de ter reinado por sete meses". Anastácio foi assassinado, em 913, por um amante de Marozia, e Lando teve um filho ilegítimo, de nome João, pelo qual Teodora se apaixonou e de quem terá tido uma filha, a quem deu o seu nome, que virá também a mandar em alguns Papas. Quando Lando morreu, em 914, Teodora fez do amante Papa, com o nome de João X, e continuou a influenciar o destino de Roma até morrer, em 928. Neste ano, já sem a presença da mãe, Marozia manda matar João para o substituir por um dos seus, mas não consegue: os opositores elegem Leão VI, que, meses depois de ocupar a chamada Cátedra de S. Pedro (o primeiro Papa), é assassinado a seu mando. "Mas mais uma vez se enganou, já que depois daquele ter sido envenenado foi eleito Estevão VII, que morreu não muitos anos depois da mesma maneira e pela mesma mão, no ano de 930", escreveu o bispo de Cremona, um lombardo.



913, por um amante de Marozia, e Lando teve um filho ilegítimo, de nome João, pelo qual Teodora se apaixonou e de quem terá tido uma filha, a quem deu o seu nome, que virá também a mandar em alguns Papas. Quando Lando morreu, em 914, Teodora fez do amante Papa, com o nome de João X, e continuou a influenciar o destino de Roma até morrer, em 928. Neste ano, já sem a presença da mãe, Marozia manda matar João para o substituir por um dos seus, mas não consegue: os opositores elegem Leão VI, que, meses depois de ocupar a chamada Cátedra de S. Pedro (o primeiro Papa), é assassinado a seu mando. "Mas mais uma vez se enganou, já que depois daquele ter sido envenenado foi eleito Estevão VII, que morreu não muitos anos depois da mesma maneira e pela mesma mão, no ano de 930", escreveu o bispo de Cremona, um lombardo.

## Filho, amante e permissivo



EM 931, SOBE ao trono papal, finalmente, o filho (e, diz-se, também amante) de Marozia, João XI, que facilitará o segundo casamento da mãe (o primeiro marido foi o príncipe lombardo Alberico, morto por correligionários de João X quando tentava tomar Roma) com o cunhado Hugo de Provença, rei da Itália, homem casado. Mas o irmão materno do Papa, Alberico II, não aprovou a união, os seus interesses eram outros e, a dada altura, organiza uma revolta. Hugo consegue fugir, mas mãe e filho-papa são presos. Ele, ainda segundo Liutprando, ficou detido no próprio Palácio de Latrão, ela foi trancada no Castelo de Santo Ângelo e ali permaneceu mais de meio século, até ser executada, aos 94 anos, por ordem do Papa João XV. Foi acusada de "tentar tomar o mundo inteiro com o seu filho João XI e de que ousara, como a Jezebel de outrora, tomar um terceiro marido". Foi mesmo considerada responsável pelos pecados do seu neto Papa João XII, apesar de ter penado na prisão durante todo o seu escandaloso reinado de nove anos. Afinal, ele era o filho do homem que a metera na prisão, conta Cawthorne.

## Dono de harém e de um bordel



"O TEU NETO, o Papa João XII, cometeu perjúrio, quebrando o seu juramento ao Grande Imperador. Roubou o tesouro dos papas e fugiu para junto dos inimigos de Roma, foi deposto pelo Santo Sínodo e substituído por Leão VIII. Em seguida, o apóstata regressou a Roma, expulsou Leão VIII, cortou o nariz, a língua e dois dedos ao cardeal-diácono, esfolou o bispo Otger, cortou a cabeça ao notário Azzo, e decapitou 63 membros do clero e da nobreza de Roma. Durante a noite de 14 de Maio de 946, enquanto mantinha imundas a ilícitas relações com uma matrona romana, foi surpreendido no acto pecaminoso pelo enfurecido marido da matrona, que, movido por justa ira, lhe esmagou a cabeça com um martelo, entregando assim a sua pérfida alma às garras de Satanás..." Isto era o que constava na acusação a Marozia (um neto, dois bisnetos e um trineto seus também hão-de ser Papas), citada pelo escritor inglês Nigel Cawthorne, mas tratava-se apenas de uma versão resumida daquilo que João XII praticara. Só para dar mais uns exemplos do que ficou para a História, este Papa gostava de rapazes e raparigas, dirigia um bordel em Roma, apostava as dívidas dos peregrinos, pagava as dívidas do jogo com o dinheiro da Santa Sé e mantinha um "harém" no Palácio de Latrão. Mas o seu principal problema, o que levou à sua condenação e afastamento por um rol de crimes, foi, ao que tudo indica, a sua inabilidade política. E morreu com apenas 24 anos...